

AS FUNÇÕES DO PARALELISMO LINGÜÍSTICO EM NARRATIVAS ORAIS DO POVO IKPENG

Angela F. A. CHAGAS¹

Recebido: 2/5/2023

Aprovado: 19/5/2023

RESUMO

Por longo tempo, o trabalho com narrativas indígenas resumia-se a extrair delas exemplos de estruturas linguísticas para comparar e corroborar hipóteses levantadas a partir de dados provenientes de elicitación. Recentemente, as narrativas vêm se tornando alvo de um outro tipo de análise, que leva em consideração a constituição estética desses textos. Nessa perspectiva, as estruturas gramaticais e os recursos discursivos de uma língua são analisados como um meio para se alcançar os efeitos artísticos presentes nas narrativas, enquanto arte verbal dos povos ameríndios. O objetivo desta proposta é apresentar o uso do paralelismo linguístico - forma de repetição que gera significados - como recurso linguísticos-discursivos na arte verbal de narrativas Ikpeng. Para dar conta da análise dos paralelismos presentes nessas narrativas, recorreremos aos trabalhos de Franchetto (2003), Scherre (1998) e Tannen (2007).

PALAVRAS-CHAVE: Paralelismo linguístico. Arte verbal indígena. Narrativas tradicionais. Povo Ikpeng.

ABSTRACT

For a long time, work with indigenous narratives boiled down to extracting examples of linguistic structures from them to compare and corroborate hypotheses raised from data from elicitation. Recently, narratives have become the target of another type of analysis, which takes into account the aesthetic constitution of these texts. From this perspective, the grammatical structures and discursive resources of a language are analyzed as a means to achieve the artistic effects present in the narratives, as verbal art of the Amerindian peoples. The purpose of this proposal is to present the use of linguistic parallelism - a form of repetition that generates meanings - as a linguistic-discursive resource in the verbal art of Ikpeng narratives. In order to analyze the parallelisms present in these narratives, we will resort to the work of Franchetto (2003), Scherre (1998) and Tannen (2007).

Keywords: Linguistic parallelism. Indigenous verbal art. Traditional narratives. Ikpeng people.

Introdução

A pesquisa aqui apresentada é um recorte de uma pesquisa mais ampla, que atualmente desenvolvemos em nosso estágio pós-doutoral, que tem como objetivo a tradução de narrativas tradicionais do povo indígena Ikpeng² e a análise de aspectos linguísticos discursivos presentes nelas, tais como: uso de paralelismos estruturais, o uso dos ideofones enquanto recurso gramatical e estilístico e a investigação de estratégias de manutenção de informação dada (tema) e de introdução de informação nova (rema).

¹ Doutora em Linguística. Professora Adjunto da Universidade Federal do Pará, Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras.

² O povo Ikpeng, também conhecido como Txikão, é composto por aproximadamente 500 pessoas que vivem em seis aldeias, todas situadas na parte mais ao norte do estado do Mato Grosso. São elas: aldeias Moygu e Arayo, nas proximidades do Posto Indígena Pavuru, às margens do rio Xingu; aldeias Rawo, Paranoa e Kurure, às margens do rio Ronuro; e aldeia e Tupara, às margens do rio homônimo.

CHAGAS, Angela F. A. As funções do paralelismo linguístico em narrativas orais do povo Ikpeng. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

Neste trabalho, pretendemos investigar de maneira preliminar as funções de estruturas paralelísticas num *corpus* composto por dezenove narrativas tradicionais: *Imere Miran* (História do Imere, o Trovão), *Alakana Miran* (História do Alakana), *Mawo Miran* (História da Mawo), *Omyo Miran* (História do Omyo), *Wonkinom Miran 1* (História de Seres Espirituais 1), *Wonkinom Miran 2* (História de Seres Espirituais 2), *Wonkinom Miran 3* (História de Seres Espirituais 3), *Kureko Miran* (História do Kureko: A Origem dos Humanos), *Maruri Murangmon* (História de Homens Brancos e Índios), *Opo Miran* (História da Borduna), *Patxi Miran* (História da Rede de Pesca), *Pirom Miran* (História da Flecha), *Okoloy Miran* (História do Mel), *Puron Miran* (História do Sapo), *Rere Miran* (História do Morcego), *Wayman Miran* (História do Jabuti), *Tawa Miran* (História do Calango), *Weliko Miran* (História do Vaga-Lume), *Wago Miran* (História do Macaco-Preguiça).

Essas narrativas foram coletadas no período de 2009 a 2012, durante a vigência do (sub-)projeto de documentação da língua Ikpeng³, coordenado por Angela Chagas, que fez parte do Projeto de Documentação de Línguas Indígenas (PRODOCLIN), realizado pelo Museu do Índio/FUNAI, em parceria com a UNESCO. Essas narrativas foram registradas em áudio e vídeo, na aldeia Moygu, por Ingrid Lemos e Angela Chagas, com o auxílio de dois jovens Ikpeng, Ante Txicão e Awarepĩ Ikpeng, que intermediaram nosso contato com os mais velhos da aldeia, quase todos com pouquíssima fluência em português.

1. A Pesquisa com Narrativas Tradicionais

Não existe uma definição, consensualmente aceita, para o termo “narrativa”, no entanto, é evidente que narrar é a forma básica de uma atividade ao mesmo tempo linguística e simbólica (HANKE; 2003, p. 118). Já o termo “tradicional” remete à transmissão – oral ou escrita – de práticas, conhecimentos, comportamentos e memórias, entre pessoas de diferentes gerações.

Assim, costuma-se chamar “narrativas tradicionais” ao conjunto de textos que guardam as memórias e os conhecimentos de um determinado povo. De acordo com Melatti (2014):

Toda sociedade indígena tem uma ideia própria a respeito do Universo. Seus membros sabem dizer a forma do Mundo, quem o criou, se foi criado, como os homens aprenderam a cultivar a terra e a fabricar instrumentos, qual a posição de sua sociedade diante das demais, quem instituiu suas regras sociais. Muitos desses conhecimentos estão contidos em seus mitos (MELATTI; 2014, p. 185).

³ A língua é geneticamente relacionada às demais do chamado “Grupo Arara” (cf. GIRARD, 1971; MENGET, 1977; KAUFMAN, 1994; GILDEA, 2012), que junto com o Bakairi formam o Ramo Pekodiano (cf. MEIRA & FRANCHETTO; 2005) da família linguística Karib.
CHAGAS, Angela F. A. As funções do paralelismo linguístico em narrativas orais do povo Ikpeng. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

Ainda segundo Melatti (2014, p. 185), “os mitos são antes de tudo narrativas”. De fato, sob o rótulo de “narrativas tradicionais”, podemos encontrar textos com variadas temáticas, como mitos cosmogônicos, escatológicos, de duração e de transformação, conforme a classificação de Propp (2010). Para Melatti (*idem*, p. 185-1860), os mitos são narrativas de acontecimentos cujo “ter acontecido” é indubitável para os membros de uma sociedade; os mitos, além disso, se relacionam fortemente com o presente de uma determinada sociedade – seja no que toca a sua cultura material (como seus artefatos) ou na imaterial (como seus conhecimentos e suas relações).

Por esse motivo, as narrativas tradicionais constituem objeto de interesse de diferentes áreas do conhecimento humano e, portanto, podem ser analisadas de pontos de vistas bastante distintos. Para a Psicanálise, por exemplo, os mitos são a projeção do inconsciente coletivo e explicam o mundo *do e para* o grupo de pessoas produtoras daquela narrativa. Para a Antropologia, as narrativas reverberam cosmogonias e filosofias, além de apontar para comportamentos ideais esperados. Para a História, o mito pode ser revelador da trajetória e da memória de um determinado povo. Para a Linguística, as narrativas podem servir como fonte para análise de estruturas gramaticais e de recursos linguísticos-discursivos, como uso de paralelismos, ideofones, tempos e modos verbais, elipse, reiteração, metáforas, metonímias, etc, dentre tantas outras possibilidades do uso da linguagem.

De acordo com Hanke (2003, p. 118), enquanto “produto arcaico da cultura humana, as narrativas servem, dentre outras funções básicas, para acumulação, armazenamento e transmissão de conhecimentos”. Por isso, o trabalho com narrativas tradicionais dos povos indígenas, faz-se tão necessário, importante e urgente, já que ações como documentação, análise e, principalmente, a divulgação das mesmas contribuem para a preservação dos saberes linguístico-culturais desses povos, ao mesmo tempo em que resgatam, legitimam e valorizam a diversidade cultural existente num país de realidades tão plurais, como o Brasil.

Por longo tempo, para a maior parte dos linguistas, o trabalho com narrativas indígenas resumia-se a extrair delas exemplos de estruturas linguísticas proferidas em um contexto real de fala para comparar e corroborar hipóteses levantadas a partir de dados provenientes de elicitación.

Mais recentemente, as narrativas vêm se tornando alvo de um outro tipo de análise, por um número cada vez maior de linguistas (e literatos) que levam em consideração a constituição estética desses textos. Nessa perspectiva, as estruturas gramaticais e os recursos discursivos de uma língua são analisados como um meio para se alcançar os efeitos artísticos presentes nas narrativas, enquanto arte verbal dos povos ameríndios, pois como nos afirmam Stenzel & Franchetto (2017):

Narrar não é apenas expressar verbalmente um relato de forma prosaica (...). O ato de narrar é uma performance, pública ou privada, oferecida aos interlocutores e à

plateia e aberta a avaliações, críticas e elogios. O narrador é geralmente um “mestre” na arte da oratória, um especialista do “bom e belo discurso”, reconhecido como tal e plenamente consciente de seu papel na cadeia de transmissão de habilidades e conteúdos. As habilidades artísticas do mestre incluem a manipulação de distintas perspectivas do protagonista, o equilíbrio das repetições com variações sutis, o controle dos desvios necessários para o avanço da história, o domínio total de todos os variados meios de capturar e prender a atenção dos ouvintes. (STENZEL & FRANCHETTO; 2017, p. 5).

Em parte, a demora para se alcançar esse tipo de análise das narrativas indígenas se deve a dois principais motivos. Primeiro, a ainda escassa descrição gramatical de grande parte das línguas indígenas, uma vez que o conhecimento gramatical é absolutamente necessário para a realização de uma análise que leve em consideração suas características estéticas. Sobre isso, Franz Boas dizia que:

É óbvio que para a compreensão da forma da literatura nativa – se podemos usar este termo para suas poesias e contos não escritos – um conhecimento profundo da língua é indispensável, pois sem ele, os elementos que apelam ao sentido estético do ouvinte não podem ser apreciados (BOAS; 1938, p. 44 *apud* HYMES; 1981, p. 7).

O segundo motivo é o fato de que grande parte dos linguistas que se dedica à descrição de línguas ameríndias “não considera esse tipo de pesquisa como linguística” (HYMES; 1981, p. 5).

Há quatro décadas, Hymes (1981) já reclamava a pouca análise destinada à arte verbal dos povos indígenas e segundo ele “se a linguística é o estudo da linguagem, não apenas da gramática, então, o estudo desse tipo de material acrescenta para o que é sabido sobre a linguagem” (HYMES; 1981, p. 5). Para o autor, a Linguística e as análises linguísticas são os meios necessários para o deleite e para a compreensão das narrativas, já que as palavras foram os meios utilizados pelos autores de textos dessa natureza.

Esse tipo de trabalho com as narrativas tradicionais, na perspectiva de poéticas dos povos originários, vem sendo realizado, embora timidamente, nos Estados Unidos, há cerca de quarenta anos. No Brasil, apenas muito recentemente, um pequeno grupo de pesquisadores começa a dar esse tipo de tratamento para as artes verbais indígenas.

Um exemplo desse tipo de trabalho com as narrativas de povos ameríndios é aquele realizado por Franchetto (2003) sobre paralelismo e gramática na arte verbal de narrativas Kuikuro, língua da família Karib, falada pelo povo homônimo que habita a região do alto-Xingu, no estado do Mato Grosso. Nesse trabalho, a autora apresenta uma análise linguística das formas gramaticais mais recorrentemente usadas em dez narrativas desse povo indígena para construir a repetição; ao mesmo tempo em que procura compreender os motivos de sua seleção e os efeitos das relações que são estabelecidas por meios das correspondências paralelísticas (idem, p. 215). Franchetto analisa vários

CHAGAS, Angela F. A. As funções do paralelismo linguístico em narrativas orais do povo Ikpeng. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

recursos gramaticais a serviço da construção de arquiteturas paralelísticas que compõem a poética das narrativas Kuikuro (idem, p. 244).

Podemos citar também a análise feita por Storto (2019), na qual mostra como “a manipulação da informação gramatical da língua pode ser usada para criar sentimentos poéticos” (p. 9) dentro de uma narrativa ritual (*Osiipo*) do povo Karitiana – falante de uma língua Tupi, do estado de Rondônia.

Outros casos de trabalhos com narrativas orais realizados recentemente são o livro *On this and other worlds*, organizado por Stenzel & Franchetto (2017); e o dossiê publicado no Volume 15 da *Revista Linguística*, organizado pelas mesmas autoras (STENZEL; FRANCHETTO, 2019). Ambas as obras trazem narrativas ameríndias transcritas, traduzidas (para o português e para o inglês) e comentadas com informações tanto de caráter gramatical – revelando aspectos estruturais e/ou tipológicos das línguas abordadas – quanto antropológico e social dos povos indígenas envolvidos.

O presente trabalho soma-se aos demais que têm como objeto de estudo a arte verbal de povos ameríndios.

2. O Paralelismo Linguístico nas Narrativas Ikpeng

Ao discutir sobre tradução e estrutura, Hymes (1981, p. 42) define seu emprego do termo “estrutura” como: “a forma da repetição e da variação, de constantes e contraste, na organização verbal” e explica que utiliza o termo por acreditar que “a verdadeira estrutura do poema original é essencial para seu conhecimento, tanto etnológico quanto estético” e que tal estrutura se manifesta na forma linguística. Sobre a importância do uso do texto “original”, Franchetto (2003, p. 215) afirma que apenas a descrição e a análise de estruturas gramaticais presentes em um *corpus* de textos orais em língua original permitem saber os sentidos das repetições paralelísticas das narrativas sob análise.

O paralelismo linguístico consiste fundamentalmente numa relação de simetria ou correspondência em textos orais ou escritos que pode se realizar em distintos aspectos de uma língua, como: lexical, morfológico, sintático, semântico. De acordo com Scherre (1998, p. 50), o que subjaz ao paralelismo é a capacidade de repetição de quem produz o texto. Scherre (idem) define o paralelismo como:

Um princípio de base cognitiva que possibilita ao ser humano fazer agrupamentos, formar *blocos* pelas semelhanças formais, que encontra sua atuação maximizada quando atua em conjugação com a função, no sentido mais amplo que se possa atribuir a este termo (SCHERRE; 1998, p. 50).

Então, para Scherre (1998, p. 51), cabe ao falante o uso magistral dessa capacidade cognitiva, fazendo dela, portanto, o melhor proveito possível. Segundo a autora, a busca do entendimento do CHAGAS, Angela F. A. As funções do paralelismo linguístico em narrativas orais do povo Ikpeng. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

efetivo papel do significado na repetição formal ainda depende de estudos mais sistemáticos e aprofundados sobre o tema. Segundo ela, alguns resultados evidenciam a repetição de formas em função do significado, outros apontam para repetição mecânica independentemente do significado. (SCHERRE, 1998, p. 51).

Segundo Tannen, particularidades enunciativas, como a repetição, desempenham um papel fundamental na criação do discurso. A autora elenca cinco possíveis funções que a repetição pode ter na conversação: produção, compreensão, conexão, interação e coerência como envolvimento interpessoal.

Para Tannen (2007, p. 58), a repetição permite ao falante a produção do discurso de maneira mais fluente e eficiente. Para culturas que valorizam a “verbosidade” e desejam evitar silêncios, a repetição é um recurso para produzir uma conversa mais ampla, tanto fornecendo material para a conversa, quanto possibilitando sua automaticidade.

Exemplo 01:

Orikte erolingmo orikte orikte orikte kalo txina ugyamlogon Omyo Yonpe ninkin orikte erolingmo kalo txina orikte orikte orikte.

<i>orikte</i> dançar	<i>Ø-ero-li-ngmo</i> 3-ir-PAS.IM-PL			‘Eles foram dançar’
<i>orikte</i> dançar	<i>orikte</i> dançar	<i>orikte</i> dançar		‘Dançar, dançar, dançar’
<i>kalo</i> outro/a	<i>txina</i> ADP:perto			‘Na outra (aldeia) aqui perto’
<i>ugyamlogon</i> eles	<i>Omyo</i> Omyo	<i>Yonpe</i> Yonpe	<i>ninkin</i> COL	‘Eles, o Omyo, o Yonpe e seu grupo’
<i>orikte</i> dançar	<i>Ø-ero-li-ngmo</i> 3-ir-PAS.IM-PL			‘Eles foram dançar’
<i>kalo</i> outro/a	<i>txina</i> ADP:perto			‘Na outra (aldeia) aqui perto’
<i>orikte</i> dançar	<i>orikte</i> dançar	<i>orikte</i> dançar		‘Dançar, dançar, dançar’

Trad. Livre: “Eles foram dançar. Dançar, dançar, dançar, noutra (aldeia) próxima daqui. O Omyo, o Yonpe e seus amigos foram dançar. Noutra (aldeia) próxima daqui, foram dançar, dançar, dançar.
(*Omyo Miran* – História do Omyo)

Exemplo 02:

Txikap txikap txikap txikap txikap man. Aramareli, arin, txikap txikap txikap.

CHAGAS, Angela F. A. As funções do paralelismo linguístico em narrativas orais do povo Ikpeng. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

txikap txikap txikap txikap txikap man
Ideo:som.de.crescer Ideo:som.de.crescer Ideo:som.de.crescer Ideo:som.de.crescer Ideo:som.de.crescer PART

Ø-aramare-li arin
3-crescer-PAS.IM amigo

txikap txikap txikap
Ideo:som.de.crescer Ideo:som.de.crescer Ideo:som.de.crescer

Trad.: (Ele, o calango) cresceu, cresceu, cresceu, cresceu, cresceu, pronto. Ele cresceu, amigo. Cresceu, cresceu, cresceu.

(*Tawa Miran* – História do Calango)

Exemplo 03:

Nentologon tximna awinang man lima okengmo ge ketpot ïgïp ïgïp ïgïp ïgïp ïgïp.

Nento logon tximna ekare-nang man lima oke-ngmo ge
aqui mesmo nós.exc lixar-PROG PART lima grande-PL POSP:com

potke ïgïp ïgïp ïgïp ïgïp ïgïp
porque duro duro duro duro duro

Trad.: Aqui mesmo, a gente fica lixando [a borduna] com limas grossas, porque é dura, dura, dura, dura, dura.

(*Opo Awïtketpot* – Como fazer borduna)

Nos exemplos de repetições paralelísticas na língua Ikpeng apresentados acima, fica nítido que as repetições das palavras tem a função de intensificar a semântica da palavra sendo repetida, como no caso do verbo “dançar” (*orikte*), no exemplo 01, em que é possível interpretar que Omyo, Yonpe e seus amigos dançaram durante muito tempo; do ideofone que indica o som de “crescer” (*txikap*), no exemplo 02, em que a interpretação é de que o *Tawa/Calango* cresceu sucessivamente até se tornar adulto; e “duro” (*ïgïp*), no exemplo 03, quando a repetição do modificador indicar o quanto é dura a madeira usada para fazer a borduna, sendo por isso necessário usar uma lima grossa para lixá-la.

Através da repetição é possível que um falante estabeleça um paradigma e insira nele novas informações (TANNEN; 2007, p. 58). As novas informações (variação) dentro do paradigma (repetição) são o que Franchetto (2003, p. 216) chama de “variação na invariância” (*variation dans l’invariance*) ou “o outro do mesmo” (*l’autre du même*). Isto é, estruturas paralelísticas com pequenas modificações de formas linguísticas (morfológicas ou sintáticas), denominadas por Franchetto (*idem*)

de microparalelismos, em oposição aos macroparalelismos, repetição de estruturas ou sistematizações que revelam o tema fundamental de uma história.

Exemplo 04:

Timro logon ilon preregingtono anumlingmo man. Txilupi anumlingmo man. Timotxipatkem anumlingmo man. Poru anumlingmo man.

T-imro 3R-ele/a	logon mesmo	ilon também	
preregingtono trairão	Ø-anum-li-ngmo 3-pegar-PAS.IM.PL	man. PART	
txilupi pintado	Ø-anum-li-ngmo 3-pegar-PAS.IM.PL	man. PART	
t̄imotxipatkem pirarara	Ø-anum-li-ngmo 3-pegar-PAS.IM.PL	man. PART	
poru jaú	Ø-anum-li-ngmo 3-pegar-PAS.IM.PL	man. PART	

Eles também pegaram tairão, pegaram pintado, pegaram pirarara, pegaram jaú.

(*Marur̄i Mirangmon* – História de Homens Brancos e Índios)

No exemplo 04, temos uma representação da “variação na invariância” (FRANCHETTO, 2003), ou seja, há no trecho exemplificado uma mudança lexical que é responsável pela introdução de nova informação. Essa variação lexical – referente a espécies de peixes – no paradigma formado pelo verbo *anumlingmo* (pegar(am)) e pela partícula *man*, que indica o fim de uma frase, dá a conhecer ao ouvinte a diversidade de peixes que a comunidade pegou na ocasião descrita pela narradora: *preregingtono* “trairão”, *txilupi* “pintado”, *t̄imotxipatkem* “pirarara” e *poru* “jaú”.

Conforme Tannen (2007), as estruturas paralelísticas contribuem não apenas para a produção do discurso, mas igualmente e de forma espelhada para a sua compreensão. Para esta autora, a repetição do discurso falado, permite que o ouvinte processe as informações na mesma velocidade em que o falante as produziu, tendo que voltar sua atenção apenas para as informações novas que surgem a partir da “variação”. Assim, o ouvinte também se beneficia da utilização dos paralelismos (TANNEN; 2007, p. 59).

Ainda para esta autora, a repetição de sentenças, frases e palavras evidenciam como novos enunciados estão relacionados às informações dadas anteriormente pelo falante, sendo a repetição

utilizada nesse caso, para garantir uma conexão entre as informações do texto, mantendo assim tanto a coesão quanto a coerência textuais necessárias para uma boa compreensão do que é ouvido.

Exemplo 05:

a) *Tximna patxin nen tximna patxin. Erangron nen erangron erangron erangron erangron Imene nem ïgemni, puwi ningkini. Erangron nen erangron erangron erangron erangron*

tximna	Ø-patxi-n	nen
nós.exc	3-rede.de.pesca-GEN	isto

tximna	Ø-patxi-n
nós.exc	3-rede.de.pesca-GEN

erangron	nen	erangron	erangron	erangron	erangron
antigamente	isto	antigamente	antigamente	antigamente	antigamente

imene	nen	ïgemni	puwi	ningkini
recente	isto	NEG	filha.VOC	COL

erangron	nen	erangron	erangron	erangron	erangron
antigamente	isto	antigamente	antigamente	antigamente	antigamente

Trad.: Esta é a nossa rede de pesca. Nossa rede de pesca. Isto é de antigamente, antigamente, antigamente, antigamente, antigamente. Isso não é recente, filhas. Isto é de antigamente, antigamente, antigamente, antigamente, antigamente.

(...)

b) *Nento arep tximna ye ningkin, tximna imi ningkin, tximna nut ningkin ina. Enengetkeli tximna, enengetkeli tximna ye ningkin, enengetkeli tximna ramru ningkin*

Nento	arep-li
Isto	chegar-PAS.IM

Tximna	ye	ningkin
nós.exc	mãe	COL

tximna	imi	ningkin
nós.exc	pai	COL

tximna	nut	ningkin	ina
nós.exc	avó	COL	POSP:para

enenge-tke-li	tximna
ver-ITER-PAS.IM	nós.exc

enenge-tke-li	tximna	ye	ningkin
---------------	--------	----	---------

ver-ITER-PAS.IM nós.exc mãe COL

enenge-tke-li tximna ramru ningkîn

ver-ITER-PAS.IM nós.exc avô COL

Trad.: Isto chegou
para nossas mães,
para nossos pais,
para nossas avós.
Nós vimos.
Nossas mães viram.
Nossos avós viram.

(*Patxi Miran* – História da Rede de Pesca)

Apresentamos no exemplo 05 dois excertos da narrativa *Patxi Miran* “História da Rede de Pesca” que, embora constem em partes distintas dessa história, possuem basicamente o mesmo conteúdo semântico: a indicação de que a rede de pesca (*patxi*) não é um elemento novo na cultura Ikpeng, mas sim que ele é confeccionado e utilizado desde tempos remotos. No primeiro trecho da narrativa (a), vemos a repetição do advérbio *erangron* “antigamente” reforçando a informação de que a rede de pesca não é de uso recente, mas que remonta a tempos imemoriais da cultura Ikpeng.

O segundo excerto de *Patxi Miran* (b), também apresenta estruturas paralelísticas. A primeira delas (linhas 1-4) indica para quem o conhecimento sobre a confecção e o uso da rede de pesca foi repassado, isto é, para as mães, os pais e as avós, indicados respectivamente pelas palavras: *ye*, *imî* e *nut*, usadas junto com a forma do coletivo na língua, *ningkîn*, indicando que várias mães, pais e avós detêm o conhecimento relativo a *patxi*. A segunda sequência paralelística presente nesse trecho da narrativa (linhas 5-7), identifica as pessoas que testemunharam o conhecimento relativo à confecção da rede de pesca sendo repassado através das gerações. Nesse caso, o paralelismo se dá entre o verbo *verengetkeli* e seu sujeito *tximna* “nós.exc”, *tximna ye ningkîn* “nossas mães”, *tximna ramru ningkîn* “nossos avós”.

O mais interessante nesse exemplo é constatar que as informações veiculadas pelas estruturas paralelísticas do segundo excerto (b) mantém estreita relação semântica com as informações reiteradas pelas estruturas paralelísticas do primeiro trecho (a), o que demonstra o uso do paralelismo com a função de manter a coerência textual que garante a compreensão adequada por parte do ouvinte daquilo que está sendo elaborado pelo narrador, conforme a explicação de Tannen (2007, p. 60). Esses trechos também exemplificam o que Franchetto (2003) chamou de macroparalelismo: repetições em bloco que revelam o tema central de uma história, sendo a estrutura interna de cada bloco constituída

também por meio de paralelismos, tal como no exemplo acima, em que o mote da narrativa é a tradicionalidade da confecção e do uso da rede de pesca pelo povo Ikpeng, contada através da repetição de informações fundamentais que garantem a assimilação do tema central por parte da audiência.

Ainda segundo Tannen (idem), a repetição também “evidencia uma atitude do falante, mostrando como esta atitude contribui para o significado do discurso” (TANNEN, 2007, p. 60).

Exemplo 06:

- Ungnotkenang payn?
Timreyum gaktape pu pu pu.
Pu pu pu igane iwongne
Tek tek tek tek man
Eroli engru pinpe imro engru pinpe.
Tek tek tek tek timreyum engna.

Uk-no-tke-nang payn?
2>1-deixar-ITER-PROG querido

tĩ-mreyum gaktape pu pu pu
3R-marido POSP:atrás IDEO:som.de.correr

pu pu pu igane i-wongne
IDEO:som.de.correr NEG 3-encontrar

tek tek tek tek man
IDEO:som.de.caminhar.tateando PART

Ø-ero-lĩ engru pinpe imro engru pinpe
3-ir-PAS.IM olho PASS-EXIS ele/a olho PASS-EXIS

tek tek tek tek tĩ-mreyum e-ngna
IDEO:som.de.caminhar 3R-marido 3-POSP:para

Trad.: Marido, você está me deixando?
Ela correu (*pu pu pup*) atrás do marido.
Não. Ela não correu (*pu pu pup*) para encontrá-lo.
Ela caminhou tateando (*tek tek tek tek*).
Ela foi assim porque não tinha olho. Ela não tinha olho.
Ela caminhou tateando (*tek tek tek tek*) em direção ao marido.

(*Okoloy Miran – História do Mel*)

Esse exemplo evidencia a atitude do falante em relação ao que é dito através da repetição de dois ideofones. Através da repetição do primeiro deles (*pu*), a narradora afirma que a mulher correu atrás de seu marido. No entanto, lembra-se que num trecho anterior da história, a esposa teve seus

olhos comidos por uma coruja e, em consequência da cegueira, não conseguiria correr (*pu pu pu* – dito de forma rápida), mas apenas caminhar lentamente com as mãos estendidas pra frente à procura do marido (que fugiu ao ver a esposa sem os olhos). Essa ação de caminhar devagar, Tateando com os braços é representada pela repetição espaçada do ideofone (*tek*), sendo cada uma das repetições a representação de um dos passos lentos dados pela mulher cega.

Tannen (2007, p. 61) afirma que a repetição também pode extrapolar os limites textuais e funcionar a fim de cumprir com a função social da linguagem: a interação entre os interlocutores. Alguns exemplos do uso dessa função incluem: obter ou manter o turno conversacional, garantir que o outro lhe escuta, protelar uma resposta, causar humor etc. Com isso, Tannen (*idem*) conclui que a repetição não liga apenas as partes de um discurso, mas liga os participantes entre si e esses ao discurso.

Exemplo 07:

Kelan, kelan moryape imro. Moryape, moryape, moryape imro, tongpe.

ke-lan	ke-lan	morya-pe	imro
dizer-PAS.IM	dizer-PAS.IM	menstruada-TRIB	ele/a

morya-pe	morya-pe	morya-pe	imro	tongpe
menstruada-TRIB	menstruada-TRIB	menstruada-TRIB	ele/a	filho.VOC

Trad.: “Dizem, dizem que ela estava menstruada. Ela estava menstruada. Ela estava menstruada. Ela estava menstruada, filho.

(*Puron Miran* – História do Sapo)

Como exemplo da interação entre os interlocutores, vemos no caso acima que após a repetição da informação de que a personagem principal estava menstruada (*moryape*), a narradora dirige-se explicitamente ao ouvinte, através do uso da palavra *tongpe* “filho”, em sua forma vocativa como uma forma de garantir que este lhe escutava. O mesmo ocorre no exemplo 04, quando a narradora usa o termo *puwi* (filha). Os termos referenciais para a geração descendente em Ikpeng são *mren/muren* para os filhos de ego feminino (sem distinção de gênero); e *emtxi* para filha e *mun* para filho de ego masculino. As escolhas lexicais presentes em ambos os casos evidenciam a interação direta dos narradores aos ouvintes após o uso de paralelismos.

A última função da repetição elencada por Tannen (2007) é a coerência como envolvimento interpessoal. Para ela, esta função é a conclusão natural da junção das quatro funções anteriores, que não são mutuamente excludentes. Nas palavras da autora: “ao facilitar a produção, a compreensão, a

conexão e a interação de uma forma ou de outra a repetição serve a um propósito mais abrangente de criar o envolvimento interpessoal” (TANNEN, 2007, p. 61). A junção de todas as funções anteriores cria o nível mais alto da função da repetição: a metamensagem. Para a autora, a reiteração da repetição de palavras, frases, sentenças ou mesmo de sequências mais longas dá a impressão de um universo discursivo compartilhado. Então, considerando-se a participação mútua de falante e ouvinte na construção dos sentidos de um texto, cada vez que uma unidade linguística é repetida seu significado é alterado. Dessa forma, todos os exemplos anteriormente citados exemplificam esta última função.

Considerações finais

Fatores históricos como a colonização, a conversão religiosa, a escolarização e o genocídio das populações indígenas contribuíram para eliminar grande parte das tradições culturais dos povos ameríndios, dentre elas, a produção e transmissão das narrativas tradicionais, muitas das quais desapareceram sem deixar nenhum registro sequer.

A produção de trabalhos, com distintos enfoques, sobre as narrativas tradicionais possibilita um maior conhecimento do público amplo sobre as artes verbais indígenas e contribuem para a valorização dos saberes produzidos pelos povos ameríndios, marginalizados e invisibilizados nas Américas há mais de cinco séculos.

Com esta análise preliminar sobre as estruturas paralelísticas em narrativas orais do povo Ikpeng, buscamos evidenciar uma característica marcante da constituição do discurso de povos de cultura ágrafa: a repetição. Além de buscar compreender melhor seus usos e suas funções.

Assim, o presente trabalho vem somar-se aos poucos existentes dessa natureza em relação às línguas indígenas brasileiras, contribuindo para um maior conhecimento das produções intelectuais dos povos ameríndios. Através da divulgação dos resultados desta pesquisa, pretendemos contribuir para o aumento da visibilidade da arte verbal produzida pelos povos indígenas brasileiros, em particular, do povo Ikpeng.

Referências

FRANCHETTO, Bruna. L'autre du même: parallélisme et grammaire dans l'art verbal des récits kuikuro (caribe du Haut Xingu, Brésil). *Ameríndia*, nº 28, 2003. Disponível em: https://www.sedyl.cnrs.fr/amerindia/articles/pdf/A_28_11.pdf.

HANKE, Michael. “Narrativas Oraís: formas e funções”. *Contracampo*. N. 09. Dossiê Mídia e Democracia, 2003. p. 117-126. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17361/Narrativas%20orais%3A%20formas%20e%20fun%C3%A7%C3%B5es>

CHAGAS, Angela F. A. As funções do paralelismo linguístico em narrativas orais do povo Ikpeng. In: Revista **Falas Breves**, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069

HYMES, Dell H. *“In vain I try to tell you”*: Essays in Native American Ethnopoetics. University of Pennsylvania Press, 1981.

MELATTI, Júlio Cezar. *Índios do Brasil*. 9ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2014.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. “Paralelismo Linguístico”. In: *Revista de Estudos Linguísticos*: Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 29-59, 1998.

STENZEL, Kristine; FRANCHETTO, Bruna. *Revista Linguística*. Vol. 15, n. 1. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/issue/view/998/showToc>

STENZEL, Kristine; FRANCHETTO, Bruna (Orgs). *On this and other worlds: voices from Amazonia*. 1ª ed. Berlin: Language Science Press, 2017. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=http%3A%2F%2Fetnolinguistica.wdfiles.com%2Flocal--files%2Fbiblio%253Astenzel-2017-worlds%2FStenzel_Franchetto_2017_On%2520this%2520and%2520other%2520worlds.pdf&clen=32678234&chunk=true

STORTO, Luciana. *Línguas Indígenas: tradição, universais e diversidade*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2019.

TANNEN, Deborah. *Talking Voices: Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse*. Cambridge University Press, 2007.

CHAGAS, Angela F. A. As funções do paralelismo linguístico em narrativas orais do povo Ikpeng. In: *Revista Falas Breves*, no. 12, Breves-PA, junho de 2023. ISSN 23581069